

# *A vida noturna já tem seus atrativos*

**«Brasília é barulho de gelo no copo de whisky às seis horas da tarde.**

**Hora de ninguém»**

Clarice Lispector

Talvez Clarice tenha razão. Quando anortece, os carros deixam as ruas desabitadas e os poucos transeuntes visíveis durante o dia desaparecem. Brasília parece vazia.

Mas nem tudo é silêncio e espaços abertos. Brasília tem uma vida noturna que passa quase invisível, mas não deixa de ter seus atrativos, folclore e histórias típicas daqueles que habitam os bares, boites e restaurantes.

Para descobrir essa vida noturna é preciso porém conhecer o seu roteiro, a trilha da boemia e dos notívagos. Na comercial local Sul (CLS) 109/110 temos uma galeria de bares dos mais antigos de Brasília. Entre eles, os tradicionais restaurantes árabes Beirute e Arabeske. Ali se toma um bom chopp acompanhado de pratos árabes, que vão do tradicional kibe frito a prato mais sofisticados. Mas é no Beirute, consagrado pelas tradições, que se reúne a «fauna» mais exótica de Brasília: estudantes universitários, artistas locais com seu deslumbramento candango, militantes da esquerda ortodoxa procurando um contato, desbundados de toda origem resgatando o ego perdido, jornalistas e professores em fim de jornada. Nas mesas de madeira, todos os discursos se encontram: os intelectuais, os alienados, os escapistas. No velho Beirute, como o chamam as primeiras gerações, o que importa é celebrar a noite, que infelizmente, ali, termina à 4 da manhã.

Ainda na Asa Sul, na CLS 202, encontramos o Tarantella, fazendo vivo contraste com o bar anterior: um restaurante de luxo, com boa música, e com outra frequência bastante representativa da cidade: são deputados e senadores, tecnocratas e assessores, que saídos dos Ministérios e demais órgãos do Governo Federal, ali vão fazer o exercício político mais eficaz deste país: a política do fim da noite, com copo de Uisque na mão, conhecida no meio por «alterocopismo». Fala-se que nessas horas decidem-se empregos, destinam-se cargos e verbas, definem-se candidaturas.

Já na galeria do Cine Karim, na SQS 111, fica o ponto de encontro mais tradicional de uma outra camada da cidade, representada por jovens na faixa de 14 a 20 anos. Ali defronte a lanchonete «Foods» encontram «cocotas», «gatinhas» e «gatões» de as demais categorias da novíssima geração. Motocicletas esguias, carros envenenados e bicicletas incremendadas são os frequentadores assíduos do estacionamento, onde se realizam, eventualmente, apresentações de grupos «punk» musicais. A linguagem corrente é inacessível aos «não-chegados», pois a juventude afirma-se, dentre outros modos, criando seu próprio código. Ouve-se falar de «lançê», estar numa «bad», curtir um barato e outras expressões que surgem a cada dia. Skates e patins são também presenças constantes.

Há também os que preferem o clima da Asa Norte, que tem nucleado grande parte das atividades noturnas da capital. Na CLN 102 começa a se constituir uma quase réplica da 109 Sul. Bares que se estendem por toda a quadra, acolhendo as mais diversas pessoas que procuram a mesa de bar para um bom papo regado a cerveja ou chopp. No Taboca ou no Samurai, as mesas ficam escassas no fim de semana. No Pororoca, come-se uma excelente sopa de siri e no ouve-se boa seresta.

Ainda na Asa Norte pode-se ir ao Cerradão, onde invariavelmente alguém toca um violão e ao Kafofó, bar que sempre deu acolhida aos músicos de Brasília. Nos últimos meses, tem sido muito frequentado por jazzistas e apreciadores do jazz. Na 408, fica o Butikim de antigas tradições na Asa Norte e na 402, o «Chorão», especializado em frutos do mar. Servem-se ótimas peixadas e no subsolo tem música ao vivo. Próximo ao CEUB fica o «Asa Branca», e ali concentram-se estudantes daquela faculdade, durante a semana letiva.

## COMENTÁRIO

E para aqueles que preferem cruzar o lago, o Centro Comercial Gilberto Salomão oferece todas as condições de um centro noturno, bares, boites e pubs de todos os gostos. Amarelinho, Bier-Fass, Só Cana são bares de grande preferência, enquanto a Sunshine, Kako e Gaf se constituem em nome preferidos entre as boites.

No Setor de Diversões encontra-se a boite Aquarius, que apresenta espetáculos eróticos e tem a preferência da população «gay» da cidade.

Como se vê, não faltam alternativas, porém o que dificulta a dinamização da vida noturna é o problema de transporte.

José Pereira Veloso, baiano, estudante do CEUB e funcionário público toma seu chopp na 102 Norte quando é abordado pela reportagem. Indagado sobre a vida noturna de Brasília, faz seu desabafo:

— Não faltam bares e lugares de se ir à noite. Mas infelizmente aqui só pode sair quem tem carro ou dinheiro para táxi, além da conta. Ou então faz como eu, que só sai quando algum amigo motorizado passa em casa para uma saída».

Talvez por isso o brasiliense prefira passar os fins de semana em casa, jogando buraco com parentes e vizinhos. Talvez daí Clarice Lispector ter sofrido constante insônia nas noites que passava em Brasília, durante os Encontros. Escritores a que compareceu, suscitando noutra de suas frases definidoras da capital:

«Quando anortece, Brasília se torna Zebedeu».